

A verdadeira história de São Cifrônio, o sagrado matador de demônios.

Primeira cena:

Um corredor escuro com paredes de pedra e várias portas de ferro.
O silêncio ameaçador é interrompido pelo som de passos
Dois homens cobertos por túnicas caminham por ali.
Nos cantos escuros, ratos escondem-se em suas tocas amedrontados.
Estão atemorizados com a presença dos encapuzados.
Talvez saibam que são sacerdotes.
Diante de uma porta os dois param.
Um deles tira do meio de suas roupas um molho com muitas chaves.
Destranca a fechadura, abre a porta e os dois entram no recinto.

Segunda cena:

Por trás da porta está uma cela não muito grande, onde um homem de cor negra e barba branca está a praticar “embaixadas” com uma surrada bola de futebol

O homem cumprimenta os sacerdotes e até aperta as mãos deles, mesmo assim, não para de fazer seus malabarismos.

Os visitantes se sentam em banquinhos ao redor de uma pequena mesa de madeira.

SACERDOTE 1: -Seu João, o senhor não deve estar sabendo, mas o irmão Cifrônio vai ser santificado. Gostaríamos que o senhor relembresse do dia que ele matou o demônio, pois o seu parecer pode ser muito importante para o relatório que faremos e mandaremos à Igreja Central.

Sr. JOÃO: -Outra vez?

SACERDOTE 2: -Sim e desta vez, gostaríamos que relembresse com bastante cuidado todos os fatos, pois, o que o senhor está para dizer deve chegar ao Supremo Sacerdote.

O Sr. João continua fazendo as embaixadas.

A mente dele volta então para um outro tempo no seu passado.

Terceira cena:

Os pensamentos do Sr. João vão se focando num momento de sua vida que a muito ficou para trás. Quando ainda era um garoto que sequer pensava em ter cabelos brancos.

Era um exímio praticante de embaixadinhas, já naquela época realizando peripécias difíceis de serem copiadas mesmo para quem já treinava a mais tempo.

Sr. João: -Eu vivia mais a minha bola pelas praia, pelas rua e as vezes até pela cidade grande...Não tinha pai, mãe.e sozinho na miséria não tinha amigos. Só a bola.

“Nunca fui muito chegado em droga nem álcool.”

“Esse negócio de ficá muito doido batendo cabeça por aí não é pra mim não.”

“Eu gostava mesmo era de bater a minha bola sossegado por aí, sonhando quem sabe um dia, ser jogador de futebol famoso.

“Foi assim que eu levei a vida até o dia que caiu aquele negócio na praia.”

Quarta cena:

No quarto do Sr. João...

Ele pára de fazer as embaixadas, põe a bola em cima da mesa e se senta com os padres.

SACERDOTE 1: -Descreva o que foi que caiu na praia aquele dia.

O Sr. João pega a garrafa de água, põe um pouco numa caneca e oferece aos padres.

Com um gesto eles recusam.

Bebe em seguida alguns goles e olha para a parede escurecida de pedras.

Como se houvesse um aparelho de televisão começa a enxergar novamente no vazio o próprio passado

Quinta cena:

Um tempo que já se fora quando ainda nem jovem era, e passava horas na praia praticando com a bola sem saber o que, e se, comeria.

A uns vinte metros de onde o Sr. João criança fazia suas embaixadas surge do nada uma espécie de portal de fogo.

Dele é cuspidos alguma coisa que deixa uma linha de fogo como rastro.

O que quer que tenha sido arremessado para fora do tal portal, passa a alguns centímetros da cabeça do garoto e cai nas águas rasas da praia.

O portal de fogo desaparece tão misteriosamente como apareceu.

O incêndio no objeto lançado de dentro dele é apagado pelas águas da praia levantando uma coluna de fumaça branca em direção ao céu.

Logo que a fumaça se desvanece os contornos do objeto arremessado de dentro da bola de fogo se tornam mais nítidos. Trata-se de um cone prateado com uns oito metros de comprimento e janelas pretas.

O nariz do cone está enterrado na areia sob a água.

Uma das suas janelas se abre fazendo um zunido e, de dentro do estranho objeto sai uma criatura humanóide alta, magra, de pele esverdeada, com um estranho capacete e roupa prateada.

O garoto se aproxima do estranho objeto e da criatura dando toques na bola e para.

Sr. JOÃO: -“Eu não sabia até o momento quem ou o que era a criatura esquisita alí na frente. O que é que eu ia fazer na hora?... Me veio então, uma idéia na cabeça...”

O garoto começa a fazer várias embaixadas das maneiras mais criativas. De-repente, ele levanta a bola de peito e bate nela de cabeça mandando-a em direção à estranha criatura.

A bola faz um arco no ar em direção à caixa peitoral da criatura.

Nas suas memórias o Sr. João lembrava aquele movimento como se tivesse ocorrido em câmera lenta.

Antes que a tocasse porém, a criatura levanta um dedo e congela o movimento da bola no ar.

Relembrando o acontecimento, o sr. João revivia a expectativa e tensão pelas quais passou naquele momento.

Ainda com a bola parada no ar sob a ponta do dedo, lentamente, a criatura vai abrindo um sorriso.

Ela junta os dedos fechando as mãos a bola cai.

Antes de encostar no chão, porém, a criatura dá um chute na bola mandando-a em direção ao garoto.

Este, vê a bola se aproximando, arma o chute e dá uma “bicicleta” mandando-a de volta.

A bola passa com espantosa rapidez pela criatura entrando para dentro da janela aberta do estranho artefato.

O garoto dá um salto no ar gritando:

-Gooooo!!

E sai correndo comemorando como se estivesse sendo ovacionado por um estádio cheio de torcedores.

Com uma expressão de dúvida a criatura se perguntava indecisa:

-Gol?

Não tem tempo de fazer mais nada.
O garoto abraça a criatura e continua gritando:

-Gooooool.

A criatura acha aquilo tudo muito engraçado.

Dá um sorriso e parece sentir alegria até que dirige a mão cobrindo a própria testa e então muda de expressão.

Ela então se curva quase caindo sobre o garoto, aparentando sentir fortes dores.

O garoto larga a bola e ajuda a criatura a se sentar no chão.

A criatura põe a mão sobre um botão no peito, gira ele e pergunta:

Criatura: -Você me compreende?

O garoto sorri, balança a cabeça dando a entender que sim.

Criatura: -Sou Zyklob 32. E você quem é?

Sr. João: -Meu nome é João. Você está doente?
(garoto)

Zyklob 32: -Estou bem. Melhor logo, o ar aqui fora é diferente do que estou acostumado.

João: -Que que é esse negócio brilhante que caiu na praia?

Zyklob 32: -Esta é minha nave João. É com ela que realizo minhas viagens. Está quebrada e talvez eu tenha que ficar aqui por algum tempo.

João- -Você vem de muito longe?

Zyklob 32- -Sim. De tão longe que mesmo o melhor telescópio daqui não pode enxergar meu mundo.

João- -Demora muito para ir até lá?

Zyklob 32- -Não! Se minha nave estivesse boa. Em apenas um momento completaríamos a viagem.

João- -Caramba! Se o seu planeta fica assim longe e a sua nave chega assim depressa, então ela é rápida mesmo, hem?

Zyklob 32- -Minha nave corta caminho, João. Ela abre uma espécie de porta para qualquer lugar ou momento que eu queira. Tudo o que eu tenho que fazer é atravessar esta porta...

João- -E por que sua nave quebrou?

Zyklob 32- -Ainda não sei. Preciso me recuperar e então verificar se ainda é possível consertar o estrago para seguir viagem.

João- -Você vai ter que desenterrar o bico da sua nave para ir embora daqui?

Zyklob 32- -Seria bom, assim terei acesso aos painéis de controle do motor.

O pequeno João levanta-se.

João- -Vou buscar ajuda. Não saia daqui.

Zyklob 32- -Não posso ir a outro lugar. Vou descansar. Estarei aqui.

O garoto se afasta deixando só o estranho viajante do além.

Sexta Cena :

Um homem com longa barba e cabelo anda pela praia.
Ele se veste com um velho e surrado manto de cor marrom escura e tem uma corda amarrada à cintura.

Está descalço e muito sujo.

Carrega um bastão com uma cruz na sua extremidade superior.

No presente momento, o velho sr. João relembra os detalhes

Sr. João- -“Quando vi o sacerdote Cifrônio andando pela praia, figura boa e conhecida de todo mundo. Achei na hora que seria uma grande idéia chamá-lo para ajudar.”

João (garoto)-Sacerdote! Tem uma nave caída alí do outro lado da praia!
Ajuda a desenterrar que o moço quer ir embora.

CIFRÔNIO- -Que nave é esta, criança? Aonde está isso?

João- -Alí.

João aponta para um ponto brilhante distante lá do outro lado da praia.

CIFRÔNIO- -Eu vi uma porta de fogo práqueles lados. Se essa coisa que você tá falando saiu dessa porta, o diabo tá metido na história.

João- -Tá não, sacerdote! É um viajante, e a nave dele quebrou.

CIFRÔNIO- -Quero ver que espécie de viajante é esse...

CIFRÔNIO pega rudemente João por debaixo do braço e o arrasta em direção à nave caída.

Sétima Cena

Zyklob 32 está deitado. Seus olhos estão fechados. Ele parece dormir. CIFRÔNIO e João chegam:

João- -Olha padre. Ele tá descansando.

CIFRÔNIO cutuca Zyklob com o seu bastão acordando-o .

CIFRÔNIO- -De onde és, criatura?

Zyklob 32- -Sou de outro mundo, ele é muito distante daqui.

CIFRÔNIO- -E o que vens fazer aqui?

Zyklob 32- -Sou um viajante batedor. Meu objetivo é registrar tudo para que outros possam passar os mesmos caminhos que eu em segurança .

CIFRÔNIO olha om desconfiança para a criatura.

CIFRÔNIO- -Tu não és homem, mas é provido de inteligência. Mas Deus fez o homem, e somente o homem, à sua semelhança e imagem. Então, se não és um homem, mas, é provido de inteligência deve ser criatura do diabo.

Zyklob 32- -O que é Deus?

CIFRÔNIO aponta para a criatura e grita:

CIFRÔNIO- -Vês, garoto! Uma criatura que não sabe quem é Deus. Só pode ser um demônio.”

CIFRÔNIO aponta a cruz do seu cajado para o céu e, num súbito, rápido e totalmente inesperado movimento enterra a outra extremidade no peito de Zyklob 32.

Um fluido verde começa a escorrer pelo buraco aberto no peito de Zyklob32.

CIFRÔNIO- -Vês, criança! Uma criatura de sangue verde. Somente o demônio pode ser assim.

Retornando para a sua cela depois da viagem que fizera por seus pensamentos, o Sr. João ainda relembra alguns pormenores

Sr. João- -“Eu já não sabia mais o que era certo ou errado naquele momento. De-repente, uma criatura que eu até achei bastante meiga e simpática virou cria do demônio. O sacerdote CIFRÔNIO parecia estar tomado naquele momento. Meio que alucinado ele girava o bastão no peito da criatura abrindo ainda mais o buraco feito.”

Os pensamentos do Sr. João voltam ao passado...

O sacerdote Cifrônio limpa o suor da testa e aproxima-se do jovem João.

Cifrônio- -A criatura parece simpática porquê o demônio quis aliciá-lo para o lado do mal, menino. Vou chamar mais gente aqui para darmos um fim à essa besta maldita e sua máquina infernal. Espere aqui.

O sacerdote Cifrônio se afasta da criatura agonizante que dá por fim seus últimos suspiros lançando um olhar de súplica ao céus enquanto o pequeno João não entendia nada do que acontecia...

Sr. João- “-Não precisei esperar muito alí. Logo, aquela praia ficou mais cheia de gente do que fim de semana de feriado.”

Oitava Cena

O movimento na praia ao redor da nave de Zyklob 32 agora era intenso. Já havia escurecido bastante.

Soldados por todos os lados, tanques de guerra, caminhões e helicópteros.

Também haviam alí muitos sacerdotes.

No meio de toda esta ação, um militar se destacava, Fumava um cigarro preso ao canto da boca, usava óculos escuros mesmo com a aproximação da noite e um capacete com três estrelas brancas pintadas.

Aproximou-se do sacerdote Cifrônio e já foi logo dizendo:

Militar- -“Graças ao senhor, agora nós temos uma nave inimiga em nossas mãos. O país lhe é muito grato. Estudando esta tecnologia logo ficaremos mais fortes. Ninguém vai poder contra a gente.”

Fêz uma pausa, dirigiu-se a outros sacerdotes que também estavam ali naquele momento acompanhando a operação, apontou para o sacerdote Cifrônio e continuou falando.

Militar- -“Este homem tem de ser beatificado. Ele acaba de realizar um grande serviço para o país. É um verdadeiro santo. Conhecendo o funcionamento desta nave, nem o próprio diabo vai poder com a gente.”

O militar tirou um cheque do bolso, entregou-o ao Sacerdote Cifrônio dizendo:

Militar- -“Este presentinho vem do próprio presidente. É uma colaboração para os fundos destinados aos pobres e desabrigados. Ele quer que esta história permaneça como está. Por uma questão de segurança nacional, ninguém deve saber nada a respeito desta nave, nem mesmo, que as forças armadas estiveram aqui.”

O Militar fêz uma pausa olhou sério para o sacerdote e continuou:

Militar- -“Não sei de onde veio essa criatura. Mas, a história agora vai ser essa que o senhor deu. E ainda vai com um complemento: o senhor botou fogo no morto e na nave entendeu? Nem cinzas sobraram!”

O militar bateu continência e se afastou dos sacerdotes.

Um dos deles pergunta:

-E quanto ao menino?

Cifrônio- -O pobrezinho precisa de tratamento. Ficou cara a cara com o demônio e foi enganado por ele. Está doente agora. Talvez até possuído.

Sr. João:- -Depois daquele dia, me trouxeram para cá de onde nunca mais saí.

Nona cena:

Sr. João está olhando para os padres, ele se levanta do banco:

Sr. João: -Mais tarde, um dos sacerdotes tentou me convencer que o ser que eu vi aquele dia não era verde e sim vermelho. Queria que eu acreditasse e saísse espalhando por aí que o diabo apareceu naquela praia com uma carruagem puxada por bodes pretos... Mas eu sei o que vi.

“Todo mundo diz que o demônio me hipnotizou... Que nada!”

“Eu sei bem o que vi! Não era uma cria do inferno. Era alguém de outro lugar que não entendia a nossa cultura. Talvez por isso nem soubesse quem é Deus.”

“Agora ficam dizendo um monte de mentiras a respeito desta história e eu sei até que muita gente ganhou dinheiro com isso.”

“Só que eu não posso fazer nada... Apenas bater a minha bola e esquecer...”

Seu João pega a bola e começa a fazer mais embaixadas.
Os sacerdotes se levantam cabisbaixos e saem do quarto.

Décima Cena:

No corredor os sacerdotes fazem o caminho inverso por onde vieram.

Sacerdote 1: -Eu te disse que não dá para se confiar na história do Sr. João. O contato com o demônio deixou-o completamente louco e rebelde. Vai acreditar até o fim da vida que o demônio era um ser inteligente de outro mundo.

Sacerdote 2: -Seres inteligentes de outro mundo! Pura tolice. Como essas coisas podem existir se Deus fez o homem, a sua única criação capaz de pensar e sentir, à sua imagem?

“Esta é uma obra de ficção.”

“Se existem semelhanças na realidade com fatos, instituições e personagens aqui citados, tudo não passará de mera coincidência.”

“Mas... Que a verdade também pode estar lá fora, disso não resta dúvida...”
